

A ESTÉTICA DA (RE)EXISTÊNCIA: OLHARES FILOSÓFICOS SOBRE O MESTRE DE CAPOEIRA

Fernando Santos de Jesus¹
Valerie Gruber²

Resumo: Para a consecução desse trabalho, foi necessário um providencial olhar filosófico sobre a capoeira. Para tanto, se fez uma breve arqueologia do mestre de capoeira e as possibilidades dentro do campo filosófico, com suas conjugações sóciogeográficas. No entanto, ao mestre escapa à tentativa de empreender apriorismos sobre aquilo que ele materializa, restando lançar conjecturas que pavimentam o caminho de intervenção sobre a imanência inacabada, que se refaz em cada instante, retornando diferentemente de si mesmo, em um processo identitário constante. O caminho percorrido engendra diversos aportes teóricos multidisciplinares. Nesse sentido, utilizamos conceitos que dialogam com a filosofia da diferença de Foucault, Deleuze e Guattari, a sociologia de Bourdieu e o olhar geográfico de Haesbaert. Chegou-se à conclusão de que o mestre pode ser considerado o filósofo negro brasileiro, diaspórico que mantém conexões com as africanidades, nas compreensões conceituais que são utilizadas como fundamentais para descrever o que vem a ser filosofia. Entretanto, também se considera que o campo social em que se inscreve a capoeira é dinâmico e afetado por diferentes interesses econômicos, políticos e morais, com os quais o mestre precisa articular agenciamentos que salvaguardem os mais perceptíveis traços filosóficos da capoeira.

Palavras-chave: Mestre, Capoeira, Filosofia, Identidade.

A Genealogia do Mestre

Falar sobre o mestre de capoeira não é tarefa fácil, pois requer a reconstrução da imagem de velhos homens, que, através da sabedoria adquirida na experiência de vida, sabem exatamente quais as melhores decisões a serem tomadas diante de um determinado problema, materializando suas operações através de movimentos meticulosamente aplicados a uma fração de tempo pequeníssima, aonde o pensamento deve ser depurado em milésimos de segundos, pois qualquer erro pode ser fatal.

O mestre de capoeira é análogo àquele que comumente, no continente africano, é chamado de *Griot*, ou seja, alguém que carrega uma gama de grandiosos conhecimentos

¹Graduação em Pedagogia e Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestrado em Relações Étnico Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. fernandosenzala@hotmail.com

² Graduação e Mestrado em Estudos Culturais e Administração de Empresas pela Universidade de Passau, Alemanha. Doutoranda em Geografia Social e docente do Instituto de Geografia da Universidade de Bayreuth, Alemanha. valerie-gruber@gmx.de

guardados no espírito. Conhecimentos esses, adquiridos no decurso de uma longa história de vivências conflituosas e de harmoniosos encontros ancestrais, mediados pela energia vital em trânsito, energia fundamental, irradiada pelos seus discípulos mais jovens na iniciação da magia da capoeira³.

A roda é o *logos* do mestre de capoeira, pluriverso universalizado do microcosmo localizado, no tempo e no espaço, é lá que ele se institui enquanto concomitância, teoria e prática no local de energia vital circundante, onde se é pensado o impensável, local de surpresas anunciadas, de anúncios inesperados, de movimentos e repousos inesgotáveis. Criações e improvisos incessantes, a roda de capoeira é o tudo e o nada em qualquer instante, é a vida, a morte e a ressurreição.

O ritmo dita o rito, o rito é o ritmo e ambos são corpos, corpos que se movimentam e movimentam o ritmo numa troca de energia vital. Nessa troca, o mestre é aquele que percebe a ausência ou a abundância de ritmo e busca o equilíbrio, o equilíbrio do corpo que seduz a todos os participantes. Numa finta o ritmo pode mudar, o jogo pode acelerar ou ralentar, depende de quem vai fintar, ou de quem é fintado. Tudo é decidido no momento exato.

O capoeirista reconhece no mestre aquele que é sabedor das diversas facetas da capoeira, mas sabe, no entanto, que ele não sabe tudo, e nem deseja saber, o mestre de capoeira não aprende a ser arrogante. Por vezes o mestre “puxa a orelha” dos capoeiristas mais jovens, mas é fraterno e sutil em suas atitudes, é uma medida de pô-los a caminho do cuidado de si, exercícios de si para conhecer a si próprio (Foucault, 2011). A capoeira se aproxima dessa perspectiva, contudo, com outras linguagens e afetos específicos.

Com isso se quer dizer que a capoeira requer disciplina, não foi simplesmente uma maneira de transformações e invenções de técnicas para lidar com o sistema opressor escravocrata, a capoeira também foi uma válvula de escape onde o contato ritualístico com o divino se fazia presente, onde a camaradagem arregimentava os laços fraternos entre os negros da senzala. Mesmo com algumas ressignificações, atinentes às

³ É importante salientar que a palavra *Griot* é um nome genérico dado pelo colonizador francês aos sábios africanos que transmitem conhecimentos ancestrais pela oralidade, geralmente pela música e pelos contos míticos e literários. Há diversas maneiras de chamar esses conhecedores da ancestralidade africana, dentre eles: Doma, Soma, Donikeba, Silatigui, Gando ou Tchiorinke. Consultar: Giordani (1985).

novas exigências, no esmagamento das formas tradicionais de vida na contemporaneidade, a capoeira cultiva seus traços ancestrais⁴.

Tanto hoje como no passado, a capoeira não é uma ofensiva violenta, uma luta direta contra a opressão política, contra a exploração econômica ou contra o racismo institucional e cotidiano. Ela é uma (re)afirmação da própria identidade, valorizando a sabedoria ancestral diante de processos de homogeneização cultural nos tempos da globalização e da economia de livre mercado. Ela é uma revolta cultural que permite a construção de uma identidade de resistência no sentido de Castells (1997), através de práticas específicas e experiências compartilhadas dentro do próprio grupo.

Sabendo disso, o mestre de capoeira jamais poderá se mostrar favorável à violência entre seus discípulos, e nem estimula que seus discípulos sejam violentos com os discípulos de outros mestres, pois seria incorrer em um erro vital, deixar tal coisa acontecer, tendo em vista dois princípios básicos. O primeiro é do ponto de vista estratégico, pois se havia um sistema opressor que submetia à força os negros, seria preciso combater esse sistema, e para essa empreitada a coesão grupal, aliada ao máximo de vigor físico e emocional no interior do grupo, se tornam indispensáveis. Em outras palavras, os negros escravizados não deveriam se lesionar e nem se fragmentar entre si.

O segundo ponto de vista é o conceitual, é o da camaradagem, que leva a metafísica da existência, a filosofia do nós, ensejada pelo filósofo Mogobe Ramose (2008) ao afirmar que o aforisma “*motho ke motho ka batho*” (na língua africana nativa do *Sotho* do Norte), que tem como significado o reconhecimento do outro em si mesmo e de si mesmo no outro. Nesse sentido, se o outro sou eu e eu sou o outro, temos que desfrutar juntos dessa interdependência de existência, tanto por uma questão ética, mas também pelo gozo do bem-estar, da felicidade e do aprendizado viabilizados nos bons encontros.

O mestre de capoeira sabe bem disso, ele reconhece no exercício da alteridade as suas próprias limitações e potencialidades, sabe que os outros também podem operar movimentos da mesma magnitude que ele mesmo opera, talvez só não tenha a maturidade suficiente para fazer, o tempo é o mediador dessas ações. No entanto, o

⁴ Aqui podemos abrir um diálogo com o samba, mediado pelo trabalho de Muniz Sodré (1998), levando em consideração que, sendo o autor, a síncope no samba cumpre a função de mediar o contato entre o sagrado e o profano, na fenda deixada para a manifestação do corpo, ou seja, nas pausas do samba (sincopado) é o corpo quem preenche o vazio, em consonância com a metafísica das divindades africanas.

mestre, naturalmente, impõe seu respeito, sem deixar brechas para ser “surpreendido” pelos mais jovens, por vezes empolgados no conhecimento gradual de suas potencialidades corporais.

O Mestre, a Temporalidade e a Espacialidade da Capoeira

Nas palavras de Bourdieu (1993), a capoeira pode ser considerada um campo, definindo-se a partir da ideia do *illusio*. Este conceito refere-se ao reconhecimento do sentido desse jogo, portanto, quem constitui o campo, comparte interesses específicos que não são característicos de outros campos. O *habitus*, ou seja, o conjunto de maneiras de perceber, pensar e agir que resulta da interiorização das estruturas exteriores, implica uma predisposição para atribuir sentido a esse tipo de interesses reforçado pelo mestre de capoeira. Ele tem uma posição social ligada a um poder simbólico, o qual é reconhecido dentro do campo e lhe permite, por um lado, reproduzir o *illusio*, e por outro, transformar os seus discípulos (Bourdieu, 1976 e 1993, Bourdieu e Wacquant, 2006).

O mestre estimula o desenvolvimento pessoal e dinamiza o crescimento deles e dele mesmo, criando um espaço de possibilidades que a sociedade muitas vezes não lhes oferece. Ao mesmo tempo assegura a própria posição social e perpetua uma hierarquia nas relações de poder que garante a persistência do campo. Portanto, a capoeira é estática e dinâmica, é um espaço de oportunidades e de limitações, é unidade e diversidade.

Capoeira é corpo e mente, é historicidade, espacialidade e filosofia, por isso o mestre sabe exatamente o momento propício e fronteiro entre uma lição e outra. Ele não é ansioso e não pula etapas, faz com que os seus discípulos também não fiquem ansiosos, o tempo é um grande aliado do capoeira. Isso quer dizer que ninguém se forma mestre de capoeira “da noite para o dia”, os grandes mestres não são mestres pulando etapas, vivem a capoeira em sua dimensão histórica e filosófica, carregam em seus corpos toda afetação pertinente à capoeira, são capoeira no âmago da sua alma.

O unísono da capoeira é a fragmentação de vários sons em tempos diferentes, a harmonia é desarmônica, atonal e atemporal, é o retrato fiel do irretratável. A orquestra da capoeira é a demonstração da diferença na repetição e da repetição na diferença, é o agrupamento de diversos tempos, intensidades e temporalidades, todas suscetíveis aos mais diversos improvisos que se encaixam perfeitamente na imperfeição do *devir*

capoeira⁵. O mestre sabe de tudo isso, ele organiza sua orquestra evocando uma linguagem de afetação, algo que remeta a memórias imemoriais, imanentemente próximas e distantes.

É sumamente importante considerar a memória ancestral que o mestre de capoeira possui, pois ele consegue fazer uma reconstituição sonora inspirada em outra ambiência, completamente diferente da que encontramos hoje, na polifonia de sons, onde veículos motorizados e toda maquinaria urbana, irradiam energias desarmônicas que compõe um cenário que sugere outras afetações. A espacialidade da capoeira continua a mesma, uma roda fechada que não se fecha em si, acontece no espaço público, em meio a multiplicidade.

Capoeira é movimento, é localizar-se no pensamento, acontecimento conceitual que se refaz na temporalidade esvoaçante, conservação de traços que não informam totalidade alguma, identidade aberta para se refazer na conjugação de outros movimentos que se interconectam. “O movimento tomou tudo, e não há lugar nenhum para um sujeito e um objeto que não podem ser conceitos” (Deleuze e Guattari, 2010, p.48).

Entretanto, é aí que se localiza a dimensão disciplinar da roda de capoeira, pois, em meio ao “caos”, o som do berimbau, do atabaque, do agogô e do pandeiro, se sobrepõem à maquinaria que atravessa aquele espaço, espaço que é território porque envolve relações de poder, é construído a partir delas, é domínio físico e apropriação simbólica ao mesmo tempo (Haesbaert e Limonad, 2007). É um território onde o encontro harmônico finta conflitos e requer atenção do que se passa no interior do círculo e no seu exterior, onde circulam outras energias que são canalizadas e reconfiguradas pelo filtro dos instrumentos. A metafísica da capoeira está no dentro e fora da roda, no diálogo entre o sagrado e o profano, entre a ancestralidade e o plano dos acontecimentos.

Portanto, é fundamental considerar a compreensão específica de espacialidade e temporalidade na capoeira. Ela é um campo dinâmico que sempre está influenciado pela maneira em que o mestre e seus discípulos percebem e avaliam as dimensões espaciais e temporais do seu presente e do seu passado. Conforme a Giddens (1995), convém ressaltar sobre a importância de buscar compreender a divisão entre o ponto de vista

⁵ A respeito do conceito de “*Diferença e Repetição*”, consultar Deleuze (2009). Quanto ao “*Devir Capoeira*”, Felix Guattari e Suely Rolnik (1996).

sincrônico e diacrônico em qualquer teoria social, o qual parece de particular importância na hora de analisar o campo da capoeira.

As referências espaço-temporais que o mestre coloca dentro da reconstituição da memória ancestral são cruciais para fortalecer a identificação social dos capoeiras. Já que a identidade é um fenômeno dinâmico que se cria constantemente em relação ao outro, produz, portanto, seriações muito complexas, fragmentadas e seletivas. O processo de construção identitária torna-se mais compreensível e mais efetivo quando está ligado a um território e um período de tempo concreto, o qual é uma estratégia para concretizar, naturalizar e, dessa maneira, reforçar a identidade (Haesbaert, 2007, Hall, 2000).

A Pedagogia do Mestre de Capoeira

O verdadeiro mestre de capoeira não se institui enquanto artista, ou seja, aquele que delimita um campo específico segundo critérios evidenciados por um campo estético exógeno ao acontecimento da capoeira. Ele não se curva aos ditames da racionalização do não racional, o mestre está para além do sentido, ele simplesmente é o acontecimento, sua técnica é subvertida e transformada em nova técnica que se esvai a cada situação⁶. O mestre de capoeira é previsível e imprevisível, ele simplesmente seduz⁷.

“Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo” (Deleuze, 2009, p. 48).

O mestre de capoeira é político, mestre Bimba (1900-1974), mestre Pastinha (1889-1981), mestre Leopoldina (1933-2007), mestre Dentinho (1952-2011), são exemplos, foram alguns dos mestres que não somente acompanharam as mudanças da capoeira, cada um deles, à sua maneira, contribuíram enormemente para que a capoeira sobrevivesse a diversas tentativas de espólio e até de extinção, perpetrados pelo sistema

⁶ Importante referência se impõe na leitura da obra de Roger Taylor (2005), na crítica feita a delimitação do campo estético pela indústria cultural do ocidente.

⁷ Aqui, abrimos um parêntese para evidenciarmos a ideia de Muniz Sodré (1988), quando lança a possibilidade de se pensar a sedução e o segredo como conceitos chave para a compreensão dos mecanismos que levaram a cultura negra se instituir enquanto cultura predominante, ou seja, seduzindo o estatuto da verdade universal do pensamento ocidental, a cultura negra penetra nas fendas do eurocêntrismo. Não se torna dominante, talvez porque esse não seja o alvo, mas sua predominância é sentida no âmbito da cultura geral.

racista da sociedade brasileira. Esses mestres souberam resistir e foram verdadeiros mestres no jogo da sedução, não ensinavam somente a plasticidade dos golpes da capoeira.

Eles souberam guardar no espírito o princípio de ancestralidade, e sabiam que a sobrevivência da cultura ancestral não era algo mecânico, ensinaram capoeira como linguagem de afetação. Esses mestres puseram seus discípulos a serviço da (re)existência das africanidades, da ancestralidade negra. Cabe destacar que com isto cria-se uma imagem mítica do continente africano, a qual está baseada numa apropriação simbólica que não implica conexões diretas com o espaço geográfico da África. Trata-se de uma territorialidade (Haesbaert, 2007) no sentido de uma abstração da África e das propriedades que supostamente definem esse território, construída desde o Brasil.

Aqueles que conseguiram se afetar pelo toque dos berimbaus, dos atabaques, dos pandeiros, dos agogôs, dos reco-recos, das palmas, dos cantos e das movimentações, fizeram a africanidade se enraizar no seio da sociedade brasileira, ou seja, não foi a sua legalização e, por conseguinte, transformação em símbolo nacional, fazendo de um presidente que não se afeta pela capoeira, um herói nacional, que salvaguardou este patrimônio artístico cultural negro brasileiro. A capoeira sobrevive graças à sabedoria dos seus mestres, que com as suas filosofias, contribuem para fortalecer a identidade e a resistência do povo negro.

O mestre de capoeira compreende o valor do seu povo, ele jamais renega suas origens, pois sabe que descende de um povo que se afeta de maneira diferente dos demais. Ele sabe que o racismo é o fator desencadeador dessa diferente afetação, sabe que o racismo muda a composição de forças que habitam o cosmo. No entanto, não renega nenhum outro povo, ele é generoso, acolhedor e pedagógico, o mestre é filósofo e pedagogo, compreende o momento, mas sabe que é urgente e necessário tornar seu povo ainda mais poderoso, ele conhece o valor do legado e sabe que aqueles que descendem da mesma ancestralidade devem ser sujeitos de sua própria história, assim como outros povos o são.

O mestre de capoeira cria um espaço em que os seus discípulos podem fazer a experiência de serem sujeitos reflexivos que podem agir e reagir, iniciar mudanças e se adaptar a mudanças iniciadas pelos outros, atacar e se defender. Ele cria um espaço em que podem ganhar reconhecimento pelo próprio esforço e mérito, numa sociedade que

muitas vezes lhes nega o reconhecimento, considerando como mérito, somente uma pequena parte das complexas relações atravessadas em cada micro-história, valorizando apenas as atividades hercúleas de sujeitos isolados que rompem as barreiras da exclusão social. Com isso são desconsiderados os fatores topológicos, isto é, as condições materiais e simbólicas do lugar que se tem como ponto de partida. Enfim, por esse motivo, ele cria um espaço que fomenta a consciência dos seus discípulos, estimulando-os a saber que eles possuem o poder de definir e significar a própria história, lutando contra a impotência de serem tratados como objetos, definidos e significados por outros sujeitos.

Na roda de capoeira o mestre só não conhece o *devenir*, mas ele não quer conhecer, o processo já lhe basta, o plano dos acontecimentos é o *devenir*. Dito de outro modo, o que está por vir não é da ordem da racionalização, não se cria um discurso do *porvir* a fim de alterar o que ainda não ocorreu. O futuro do pretérito, na conjugação do mestre, é apenas uma ficção que projeta possibilidades, mas jamais anseios, dado o caráter de “letra morta”, uma vez que enuncia uma conjectura de um futuro não atingível. No mestre, não há pleito de vidência, por isso não sofre a angústia do desespero. O mestre entende de energia vital, sabe o que pode afetar, é um bom observador, mas, como dito anteriormente, ele não pula etapas, pensa apenas nas possibilidades e prepara seus discípulos para a criatividade, ou seja, para encarar o *devenir* com as ferramentas que lhes permitam ousar.

Na trajetória do capoeira é preciso sagacidade, por isso o mestre cuida de si, cuidando de si ele pode cuidar dos outros para que os outros possam cuidar de si (Foucault, 2011). O capoeira não cuida de si desesperadamente como alguém que quer atingir uma meta, o capoeira é imanente a meta, meta para além da meta, que é sobrevivência. Isso diferencia o mestre de capoeira daqueles filósofos comumente chamados de mestre, pois o mestre de capoeira não está preocupado com o aprisionamento dos sentidos, não está buscando o reconhecimento de um feito extraordinariamente verdadeiro, o mestre de capoeira não está preocupado com o estatuto da verdade dogmática, sua verdade é a depuração de informações que adentram no seu espírito, sendo expressas de maneira genuína e corajosa, o mestre é um *parresiasta*⁸.

⁸ O conceito de *parresía* diz respeito ao franco falar da alma. Ser parresiasta é ser aquele que retira do *logos* as informações a serem processadas no espírito, lhes tornando capacitados para tomar boas decisões

Portanto, o mestre de capoeira é um filósofo marginalizado pelo campo filosófico estatuído pelos ditames da cultura ocidental. No entanto, não é o estatuto oficial, capaz de aprisionar o *devir* capoeira, que se (re)faz em movimentos e afetações, acontecimentos de conservação e conservações de acontecimentos (Bergson, 2009)⁹, na junção entre temporalidades diversas que seduz, instrui e aponta caminhos, não dogmatiza a vida, no eterno retorno que o mundo dá, “iê vamos simhora, camará”.

A Diversificação das Significações da Capoeira

Porém, existem certos fatores que dificultam ou obstruem a valorização da ancestralidade e a memorialização das origens da capoeira, dos quais subseqüentemente se mencionarão alguns. A capoeira, no percurso do tempo, se desenvolveu de uma prática marginalizada no século XIX e no início do século XX a patrimônio cultural imaterial do Brasil em 2008 (Cid, 2012). Portanto, ao longo da sua história passou por todos os níveis de desprezo e reconhecimento possíveis, desde a discriminação, estigmatização e invisibilização até o apreço, a valorização e a hipervisibilização.

Em termos geográficos, a capoeira expandiu-se não só dentro do Brasil, mas também por muitos países no exterior. Este fenômeno implica certos aspectos de uma desterritorialização no sentido de um desarraigamento referente às origens territoriais, mas muito mais do que isso, causa uma multiterritorialização. O aumento da mobilidade dos mestres e dos seus discípulos, possibilita trocas culturais e apropriações simbólicas de territórios culturalmente diversos, que se manifestam na multifacetidade desse campo (Haesbaert, 2007).

A pluralidade de contextos espaço-temporais resulta numa pluralidade de posicionamentos dos mestres, que já em si determinam a diversidade da capoeira através das suas biografias e personalidades diferentes. Entretanto, essa heterogeneidade também implica formas de *habitus* que não necessariamente incluem a predisposição para o *illusio* em relação à ancestralidade africana. Diante destas circunstâncias podem haver dinâmicas que sinalizam para o enfraquecimento da centralidade das referências à

em momentos chave, com a coragem de correr o risco de sofrer sanções. A respeito ver Michel Foucault (2010/2011/2013).

⁹ Para Bergson (2009), todo ser vivo é inteligente porque conserva, ou seja, é capaz de retirar traços perceptíveis dos acontecimentos, no movimento da vida. São esses traços conservados que servem como ponto de apoio para materializar outras ações, e o ser humano tem nesse movimento o fio condutor dos processos educativos, fundamental para o processo de criação e fabricação de técnicas capazes de operacionalizar o que está sendo criado.

sabedoria ancestral, já que ela somente é constitutiva do campo quando seu sentido é reconhecido tanto por parte do mestre, como por parte dos seus discípulos, como algo não periférico.

Além disso, é importante destacar outro ponto de vista, o qual pode ser considerado o mais influente no papel do mestre: a comercialização da capoeira. Diante da lógica de mercado, pode-se observar uma dinâmica que Bourdieu (2007) analisa na sua obra sobre a “A Economia das Trocas Simbólicas”. Um dos efeitos mais relevantes é a diferenciação da oferta da capoeira, evidenciada na medida em que os mestres se abrem para a possibilidade de demandas geradas por um público cada vez mais heterogêneo, com a amplitude de interesses dos consumidores estimulando a diferenciação da produção.

No mercado simbólico, tanto a oferta quanto a demanda são internamente demarcadas por distinções culturais hierarquizadas, e os produtos singulares passam por processos de essencialização. Dito de outra maneira, os mestres que seguem as regras do jogo do campo econômico, recorrentemente concentram-se em características selecionadas, das quais acreditam ser as mais valorizadas pelo público, reduzindo ao estatus de mercadoria certos elementos constitutivos da identidade negra, eclipsando uma gama de outras possibilidades.

Um exemplo dessa seletividade é a instrumentalização da capoeira para a construção de uma identidade nacional brasileira, a qual se realiza através da desenfatização ou até dissimulação da sua origem na cultura da resistência negra. Essa tendência pode-se observar, entre outros contextos, no âmbito da formalização que ressalta o caráter de patrimônio cultural brasileiro, e não afro-brasileiro. Outro imaginário da capoeira está focado na sua dimensão esportiva e de lazer, reduzindo a sua filosofia a elementos lúdicos.

Portanto, a entrada da capoeira no mercado simbólico agrega novos interesses que acessam este campo, mudando e fragmentando o *illusio*. Isso causa um câmbio considerável no posicionamento do mestre, o qual é retirado da sua centralidade. Atualmente, o campo da capoeira não se define unicamente por meio da pedagogia do mestre, mas é continuamente e concomitantemente significado e resignificado a partir das mais diferentes formas de *illusio*, que incluem desde interesses econômicos, até os políticos. O mestre de capoeira tem a liberdade de se posicionar dentro dessas redes, mas não é mais o centro de gravidade.

Considerações Finais

À guisa de conclusão desta reflexão sobre o papel do mestre de capoeira, chama a atenção que nem em todas as rodas predomina a filosofia exposta nesse artigo. Existem os mais diversos processos de significação da capoeira, e dentro deles, a ancestralidade negra sempre está presente de alguma maneira. Nos cantos, na musicalidade, na corporeidade, sempre se mantém viva e ganha novos significados e afetações, mas não é qualquer mestre que coloca a sabedoria ancestral e a identidade negra no centro do interesse. Considerando que o campo da capoeira está numa articulação contínua com o seu contexto espacial e temporal, sempre vai constituir uma unidade na diversidade, e essa heterogeneidade e dinâmica dentro da persistência é uma das suas características mais importantes.

Embora haja agenciamentos que visam impor ao mestre, a assimilação incondicional a uma lógica perversa de mercado, ainda é possível (e sumamente necessário) compreender que as decisões cruciais para a preservação dos fundamentos filosóficos que norteiam a capoeira, passam pelo seu crivo. Desse modo, o mestre é aquele que conjuga os múltiplos interesses, promovendo a abertura necessária para a (re)existência da capoeira, que se traduz em reinvenção.

Na esteira desse pensamento, é preciso perceber que o processo intercultural, possibilitado a partir dos encontros de diferentes povos, não traz em seu bojo somente aspectos negativos e/ou nocivos para as culturas autóctones, caso da capoeira. Mesmo a comercialização da capoeira enseja para novas linhas de fuga que se instituem na dinâmica do capital, que é axiomática e faz escorrer residuais a serem reabsorvidos em outra esfera de inserção na engenharia social (Deleuze e Guattari, 2010).

A abertura para outras perspectivas, engendra em si mesmo a sobrevivência das formas, por meio de processos híbridos que não visam um resultado previsível de um produto comercializável, mas sim nas interfaces constitutivas através das relações necessárias para a variabilidade de uma ecologia de saberes. Assim, a mediação a ser ensejada, pavimenta a estrada do bom senso e da ética, em negociações que fortalecem perspectivas que não se concentram apenas na prática e na manutenção da capoeira, mas no revigoramento da identidade negra, que não está desconectada de outros acontecimentos.

O mestre de capoeira é aquele que sabe que uma cultura fechada em si pode aprisionar a cultura na lógica minoritária, abrindo espaço para pregadores e rebanhos, onde a má consciência se institua enquanto regra e o povo esteja entregue ao amparo de ideias fundamentalistas. Dito de outro modo, o mestre entende que o caráter minoritário é somente uma provisoriedade para o ingresso na universalidade, até que haja equanimidade no lido com as formas que se instituem enquanto uma lógica diferente, e até divergente, da dominante.

Nesse sentido, o mestre de capoeira jamais fecha as portas para outras perspectivas e atores. Todas as raças, credos, idades, orientações sexuais, regionalidades, e diferenças, em suma, podem praticar capoeira e se iniciar nesta magia, podendo, inclusive, se graduar mestre um dia. A capoeira é uma forma cultural de todos os sotaques, de vários *devires* que se encontram e são conduzidos para dimensões jamais pensadas, onde o respeito e o jogo da sedução dão a tônica, tornando possível um novo jogo político social, estratégico e dinâmico, em que as identidades se conjugam e o princípio ético emerge do seio do povo.

Referências Bibliográficas

- BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Entwurf einer Theorie der Praxis auf der ethnologischen Grundlage der kabyliischen Gesellschaft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.
- _____. **Soziologische Fragen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, Organização e Seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc J. D.. **Reflexive Anthropologie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **The Power of Identity**. The Information Age: Economy, Society and Culture, Volume II. Oxford: Blackwell, 1997.
- CID, Gabriel da Silva Vidal. **A Capoeira como Patrimônio Cultural: Na Roda da Memória quem inscreve identidades?** Em: SANSONE, Livio (Org.). **A Política do Intangível**. Museus e Patrimônios em Novas Perspectivas. Salvador: Edufba, 2012, p. 71-92.

- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2009.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DETTIENE, Marcel. **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **A Contemporary Critique of Historical Materialism**, Volume I. Stanford: Stanford University Press, 1995.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da África Anterior aos Descobrimentos**. Petrópolis, Vozes: 1985.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. Em: ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de e HAESBAERT, Rogério (Orgs.). **Identidades e territórios. Questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007, p. 33-56.
- HAESBAERT, Rogério e LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. Etc..., Espaço, Tempo e Crítica, v.1 n.2(4), Agosto, 2007, p. 39-52.
- HALL, Stuart. **Cultural Studies. Ein politisches Theorieprojekt**. Ausgewählte Schriften, Volume III. Hamburgo: Argument, 2000.
- MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo**. Belo Horizonte: Mazza, 2009.
- NOGUERA, Renato. **Denegrindo a Filosofia: o pensamento como coreografia**. Griot, v.4 n.2, Dezembro, 2011, p.1-19.
- RAMOSE, Mogobe. **Globalização e Ubuntu**. Em: MENESES, Maria Paula e SANTOS, Boaventura de Sousa (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaio
Filosóficos**, Volume IV – Outubro/2011.

SODRÉ, Muniz. **Samba o Dono do Corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1989.

_____. **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

TAYLOR, Roger. **Arte, Inimiga do Povo**. São Paulo: Conrad Livros, 2005.

VASCONCELLOS, Jorge. **A Ontologia do Devir de Deleuze**. Kalagatos: Revista do
Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Fortaleza, v.2 n.4, Verão 2005, p.137-167.